



O MULUNGU TOCOU NO CAÇANJE E A COMUNIDADE XANGÔ DANÇOU: A INFLUÊNCIA AFRICANA NA TOPONÍMIA DO RECÔNCAVO BAIANO

THE MULUNGU TOUCHED IN THE CAÇANJE AND THE
COMMUNITY XANGÔ DANCED: THE INFLUENCE AFRICAN
IN THE TOPONIMIA OF THE RECONCAVO BAIANO

Lana Cristina Santana¹

*Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura da Universidade
Federal da Bahia*

Resumo: Este artigo aborda questões relacionadas à influência da cultura africana na nomeação dos lugares, mais especificamente, os nomes das comunidades rurais, fazendas e hidrografia dos vinte municípios que compõem o território de identidade do Recôncavo baiano. Trata-se de um trabalho que toma como base as teorias das áreas da Lexicologia e Toponímia, visando a identificação dos estratos dialetais nos topônimos do território citado, especificamente, neste trabalho, o estrato dialetal africano. Através da análise do *corpus* foi possível constatar a presença de nomes que fazem parte do repertório lexical das línguas Bantos *Quicongo*, *Quimbundo* e *Umbundo* e das línguas Kwa *Iorubá* e *Fon*, além de nomes que receberam influência de fatos culturais advindos do período da escravidão ou, ainda, de hibridismos entre nomes de origem europeia e africana. Toma-se como base teórica os conceitos da Lexicologia no que diz respeito à formação de palavras, aos processos expressivos da linguagem no ato da nomeação e a motivação semântica, natureza essencial dos topônimos; e os conceitos para pesquisa toponímica elaborados por Dick (1990a;1990b; 1996; 1999). Tais análises sustentam a força dinâmica e interativa que a língua possui, resgatando a ideia de que a variação linguística está na base de todas as línguas naturais, portanto, as heranças culturais das bases formadoras do português brasileiro precisam ser reconhecidas e valorizadas.

Palavras-Chave: Cultura africana; Topônimos; Dialetoleologia; Lexicologia; Recôncavo baiano.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia. E-mail: lanasantana8@gmail.com

Abstract: *This article discusses issues the influence of African culture in the appointment of the Places, More specifically, the names of rural communities, farms and hydrography of the twenty districts within the territory of identity of Bahia Reconcavo. It is a work that builds on the theories of the areas of Lexicology and Toponymy, aimed at identification of dialectal place names strata in the territory mentioned specifically in this work, the African dialect stratum. By corpus analysis, we determined the presence of names that are part of the lexical repertoire of languages Bantu Quicongo, Quimbundo and Umbundo and languages Kwa Yoruba and Fon , as well as names that received influence of cultural events arising from the slavery period or, still, of hybrids between names of European and African origin. Take as the theoretical basis of the concepts of lexicology with regard to the formation of words, the expressive processes of language in the act of naming and semantic motivation, essential nature of place names; and search concepts for toponymic prepared by Dick (1990a; 1990b; 1996; 1999). These analyzes support the dynamic and interactive power that language has, rescuing the idea that the linguistic variation is the basis of all natural language, therefore, cultural heritage forming the basis of the Brazilian Portuguese need to be recognized and valued.*

Key-Words: *African Culture; Place Names; Dialectology; Lexicology; Reconcavo baiano.*

INTRODUÇÃO

Durante toda a trajetória do homem, quando em contato com o meio físico e social, o processo de nomeação apresenta-se como uma necessidade básica, pois, para cada descoberta realizada, faz-se necessária a sua divulgação em sociedade. Para tanto, o homem utiliza um nome, a fim de que os conhecimentos tornem-se comuns para todos os membros que compartilham dos mesmos bens sociais. São esses nomes que irão compor o léxico das línguas naturais (BIDERMAN, 1978), o qual tende a ser cada vez mais enriquecido, uma vez que a natureza humana é dinâmica e inventiva.

Dessa forma, pode-se afirmar que o léxico guarda o conhecimento de uma sociedade em todos os aspectos, e serão as interações linguísticas, realizadas no meio social, que possibilitarão a divulgação de todo esse “tesouro” cultural. Inclui-se nesse valoroso universo de conhecimento o léxico onomástico-toponímico, signos linguísticos constituídos como forma de referência a lugares, mas que carregam significações capazes de resgatar valores que foram constituídos em sociedade. Com base nesse entendimento, este artigo visa analisar alguns topônimos do Recôncavo Baiano, como forma de resgatar a identidade cultural das sociedades formadoras dessa região, evidenciando o estrato dialetal africano como importante componente formador do repertório linguístico do Brasil.

1 BREVES CONCEITOS SOBRE A TOPONÍMIA

A Toponímia é uma subárea da Onomástica, ciência vinculada à Lexicologia, cujo objetivo está em analisar semanticamente os nomes de lugares (Toponímia) e os nomes de pessoas: prenomes, nomes de famílias ou alcunhas (Antroponímia). Em ambas as vertentes, a Onomástica realiza seu estudo buscando relações entre fatos linguísticos e extralinguísticos, pois, os laços entre

uma denominação e o elemento denominado correlacionam-se a processos culturais, cuja abrangência estende-se a fatos de ordem física – relacionado à natureza – ou de ordem antropocultural – relacionados a fatos históricos, sociais, políticos, econômicos e religiosos.

Como se observa, o estudo dos nomes próprios possui uma grande amplitude, uma vez que sua função não é apenas de locativo ou de identificação social. Dick (1999) ressalta que

por muito tempo, os nomes próprios, por não estarem articulados com a sintaxe textual e por se destacarem, pela característica dêitica que os reveste, do ordenamento discursivo, foram considerados como ‘uma categoria muito especial’ de nomes, devendo ser tratados isoladamente do chamado ‘vocabulário comum’, ainda que participando de sua natureza. [...] Mas porque se referem a experiências de outros domínios, como suportes de um organismo estruturado, sujeitam-se a reformulações conceituais, não apenas intracódigo como extracódigo. Neste âmbito é que se revela, de modo mais explícito, a forma pela qual o grupo gerador do designativo manifesta o seu entendimento sobre a percepção do real e a qualidade do dado percebido, garantindo, ao mesmo tempo, a simultaneidade da geração dos processos gramaticais e da elaboração dos sociofatos. (DICK, 1999, p.121)

Pelo exposto, verifica-se que os nomes próprios estão ligados não a uma sintaxe textual, mas a vivências socioculturais, uma vez que eles não partem da individualidade de apenas um denominador. Em se tratando da Toponímia, base teórica para elaboração desse artigo, há de se considerar que um lugar somente torna-se passível de receber uma nomeação quando exerce um papel significativo para uma sociedade. Quando um espaço geográfico passa a ser identificado por um nome, isso significa que há a presença de algum elemento físico ou que ocorreu algum fato sociocultural naquele território, passível de ser registrado por um nome. Assim, o grupo social do qual o nome partiu “[...] é apenas um elemento da cultura nacional, da qual é projeção e em que se manifesta de modo particularizante. O sistema denominativo que aciona é, assim, um reflexo de tudo aquilo que representa, cumulativamente, hábitos, usos, costumes, moral, ética, religião” (DICK, 1996, p.13).

Como se observa, ao realizar uma análise de topônimos de uma determinada região, o toponimista resgata parte da memória sociocultural de uma sociedade, uma vez que terá de adentrar em aspectos físicos e culturais. Além disso, no processo de análise toponímica é preciso considerar, também, a criatividade expressiva do denominador (grupo social). Nesse ponto, consideram-se aspectos relacionados à Lexicologia, como formação de palavras ou ao uso de palavras ou expressões metafóricas, haja vista que o denominador, ao exercer o ato da denominação, lança mão de elementos do seu repertório linguístico. Nesse sentido, considera-se que

o ato de nomear possui ao mesmo tempo um **aspecto cognitivo**, em que o homem utiliza o nome para descrever as características objetivas da coisa a ser nomeada, e um **aspecto expressivo** (GUIRAUD, 1980), em que o

homem lança mão de um nome para mostrar suas impressões sobre aquilo que será nomeado; apresentando, assim, todo caráter criativo e dinâmico da língua, pois que, a criatividade no ato de nomear também consiste em deslocar significados de palavras que nomeiam referentes já existentes para nomear outros referentes que não possuem um nome adequado à sua forma ou função. (ALMEIDA, 2012, p. 55. Grifo nosso)

Portanto, no universo toponímico existem denominações que apresentarão uma semântica mais compreensível que outras, pois, como afirma Seabra (2008), há topônimos que são conhecidos como arquivos permanentes, uma vez que permanecem registrados na memória dos membros daquela comunidade, enquanto há topônimos conhecidos como arquivos opacos, que necessitam de um pouco mais de tempo e cuidado para o resgate da significação, já que retratam fatos relacionados a uma comunidade ou uma sociedade específica, em um determinado ponto histórico; sofrendo a ação do tempo e, assim, apagando-se da memória do povo. Nesse sentido, a verificação semântica, seguida de uma classificação dos topônimos requer bastante cautela, afinal, analisar semanticamente uma palavra ligando-a a um contexto sociocultural exige muita responsabilidade, uma vez que

a semântica trata da relação das palavras com os pensamentos, mas também da relação das palavras com outras questões humanas. A semântica trata da relação das palavras com a realidade – o modo como os falantes se comprometem com uma compreensão comum da verdade, e o modo como seus pensamentos são ancorados em coisas e situações no mundo. Trata da relação das palavras com uma comunidade – como uma palavra nova, que surge num ato de criação por parte de um único falante, passa a evocar a mesma ideia no resto da população, de forma que as pessoas se entendam umas às outras quando a usam. Trata da relação das palavras com as emoções: o modo como as palavras não só indicam coisas, mas estão saturadas de sentimentos, que dotam as palavras de uma ideia de magia, tabu e pecado. E trata das palavras e das relações sociais – como as pessoas usam a linguagem não só para transferir ideias de cabeça para cabeça, mas para negociar o tipo de relacionamento que querem manter com seu parceiro de conversa. (PINKER, 2008, p. 15)

Com esse entendimento, foi que a toponimista e pesquisadora da Universidade de São Paulo (USP) Maria Vicentina Paula do Amaral Dick, em sua tese de doutorado, apresentou um quadro taxonômico para a classificação dos topônimos brasileiros. Trata-se de vinte e sete *taxes* com uma terminologia científica que abrange tanto a nomenclatura da geografia do Brasil, como, também, aspectos socioculturais mais comuns presentes na toponímia brasileira. O quadro divide-se em onze taxonomias de natureza física e dezesseis de natureza antropocultural, apresentando em sua composição **um termo hiperônimo** – termo genérico de origem greco-latina capaz de elucidar a categoria a qual o topônimo pertence – e o acréscimo **do termo topônimo**, como se observa, por exemplo, na classificação **litotopônimo** aplicada em topônimos como **Pedra Preta e Barro Vermelho** (Comunidades rurais de Santo Antônio de Jesus- BA), em que se tem o hiperônimo *lito* referente à origem mineral

associado ao termo topônimo. Assim como a taxa **sociotopônimo** – referente às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade – pode ser aplicada a topônimos como **Açougue Velho, Venda Nova e Jogo da Bola** (Comunidades rurais de Santo Antônio de Jesus- BA), por se tratarem de denominações relacionadas a atividades de trabalho e de lazer.

Entretanto, Dick (1990b) afirma que o topônimo é o vínculo entre o objeto denominado e o denominador e a partir desse produto (topônimo) criado, torna-se possível recuperar as motivações semânticas que influenciaram o homem no ato da nomeação, portanto, é preciso, antes de classificar, investigar a nomeação em seu contexto sociocultural, com a cautela devida.

Ao utilizar, pois, essas classificações, o toponimista realiza uma análise sincrônica, sem a necessidade da presença do denominador, o que facilita a pesquisa, principalmente, quando se trata de um topônimo considerado um arquivo opaco; o que não quer dizer que a pesquisa de campo seja descartada, pois a escuta de moradores com mais de cinquenta anos, residentes antigos nos locais de pesquisa, torna-se uma importante instrumental de investigação, uma vez que colaboram para o desvendamento da origem do topônimo, além de ser um resgate de informações vivenciadas pelo povo, as quais muitas vezes não constam em documentos ou referências bibliográficas, constituindo-se, assim, em verdadeiras crônicas da história de uma sociedade. À análise desse material linguístico, unem-se as pesquisas bibliográficas (aspectos geográficos, históricos, antropoculturais) e documental (mapas em escala 1: 100.000, cartas, escrituras, entre outros), que, juntamente com as informações coletadas dos depoimentos dos moradores, possibilitam a união entre sincronia e diacronia, pois se recuperam dados importantes para as conclusões finais a respeito das classificações.

Baseando-se nesses pressupostos, este artigo apresenta as análises de topônimos do Recôncavo baiano que sofreram a influência africana, retirados dos mapas digitais, escala 1: 100.000, do Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa- IBGE (2010). Descreve-se, na seção seguinte, um breve histórico da influência africana na região citada e os topônimos que resultaram das contribuições culturais do povo africano, especificamente, topônimos referentes às denominações das fazendas, comunidades rurais e hidrografia dessa região.

2 A PRESENÇA AFRICANA NA TOPONÍMIA DO RECÔNCAVO BAIANO

Segundo a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o território de identidade que corresponde à área do Recôncavo Baiano é composto por vinte municípios, a saber, Cabeceiras do Paraguaçu, Cachoeira, Castro Alves, Conceição do Almeida, Cruz das Almas, Dom Macêdo Costa, Governador Mangabeira, Maragogipe, Muniz Ferreira, Muritiba, Nazaré, Santo

Amaro, Santo Antônio de Jesus, São Felipe, São Félix, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Sapeaçu, Saubara, Varzedo, assim classificados pelas semelhanças existentes entre os seus aspectos geográficos, históricos, econômicos e culturais.

Essa região é bastante conhecida pelas fortes influências culturais do povo africano, que trouxe inúmeras contribuições ao modo de viver do povo brasileiro, no que diz respeito à religião, música, dança, medicina popular, vestuário, alimentação e à linguagem. Entretanto, tais contribuições custaram a ser valorizadas e resgatadas como parte da base de formação do Brasil, já que a condição de escravos a qual o povo africano foi submetido, desde os primeiros anos da colonização, impôs a cultura do homem europeu como dominante e única passível de se atribuir valor.

No entanto, como bem lembra Cardoso (2010), os espaços geográficos são marcados pelas relações sociais existentes. Nesses lugares, os sujeitos deixam suas marcas, suas impressões; trocam saberes e os transmitem pelas gerações, dessa forma, mesmo na condição de escravos, na condição de dominados, o povo africano deixou registrado no espaço geográfico brasileiro sua cultura e seu valor. Não escapam desses registros os topônimos, os quais receberam denominações referentes à cultura material e espiritual das diversas tribos trazidas para o Brasil, bem como influências de diversos conceitos vinculados às relações antes estabelecidas em sua terra de origem ou às relações que surgiram em contato com o elemento dominador.

Nesse sentido, a pesquisa toponímica no espaço sociogeográfico do Recôncavo baiano tende a apresentar um resgate riquíssimo da memória da sociedade brasileira, haja vista as inúmeras relações sociais que ocorreram neste espaço desde as primeiras épocas da colonização, com o contato intenso entre os povos indígena, africano e europeu.

Reconhecida desde cedo pelo seu potencial agrícola, essa foi uma região que se tornou conhecida pelo funcionamento dos grandes engenhos, com a plantação em larga escala de cana-de-açúcar e fumo, chegando a ser considerado “[...] um berço da agricultura de *plantation* no Novo Mundo [...]”, produzindo “[...] entre 1780 e 1860, grandes quantidades de açúcar e fumo para o mercado mundial. De fato, no começo do século XIX, a Bahia exportou mais açúcar do que qualquer outra capitania brasileira; e da Bahia também veio quase todo o fumo brasileiro vendido na Europa.” (BARICKMAN, 2003, p. 28).

Entretanto, a economia do Recôncavo não se limitava apenas a exportação. Segundo Barickman (2003), as pequenas roças, com seus pequenos agricultores, conseguiram, nos anos oitocentos, diversificar as atividades agrícolas, aumentando os gêneros de exportação e de farinha para o mercado local. Entre esses pequenos agricultores, Santana (2010) cita, baseado em suas pesquisas, que se encontravam os escravos, os quais possuíam pequenos pedaços de terra cedidos pelos senhores para plantar, como forma de amenizar as tensões relacionadas ao regime escravista. Esses escravos cultivavam suas roças em domingos, feriados, dias santos e conseguiam produzir alimentos para suprir a deficiência da ração que lhes era dada pelos latifundiários, além disso,

também utilizavam os produtos da agricultura, da criação de pequenos animais e da pesca para negociar em dias de feira.

É importante lembrar que a presença marcante dos africanos ocorreu logo nos primeiros séculos de colonização e, sendo a Bahia um dos primeiros territórios explorados pelos portugueses, a vinda de povos de diversas tribos para trabalhar no Recôncavo era constante e em grande número. Castro (2005) descreve que entre os diversos troncos linguísticos existentes na África, um foi presença marcante no período da escravidão do Brasil: o **Congo Cordo Faniano**, conhecido como as línguas subsaarianas. Entre as diversas línguas de composição desse tronco, duas que pertencem ao subtronco Niger-Congo, ganham destaque: as da África subequatorial, línguas *banto* e uma da África Ocidental, línguas *kwa*.

O povo banto ficou conhecido no Brasil como **congós** ou **angolas**, devido à região de abrangência dessa língua, a qual é utilizada por povos de muitos países da África Subequatorial como Congo Brazzaville, República Democrática do Congo e Angola. Os bantos, segundo Castro (2005), destacaram-se em superioridade numérica e foram os povos que tiveram maior tempo de contato com os portugueses. Entre esses povos, três destacam-se:

- i. Bacongo, falantes do *quicongo*, “[...] uma das línguas nacionais de três países: a) República Popular do Congo [...]; República Democrática do Congo, ex-Zaire, e c) Angola.” (Castro, 2005, p.35);
- ii. Ambundo, falantes do *quimbundo*, abrangendo região central da Angola;
- iii. Ovimbundo, falantes de *umbundo*, moradores de províncias ao sul de Angola.

Além do povo banto, registrou-se na região do Recôncavo baiano, a presença dos falantes da língua *kwa*, da África Ocidental, a qual é constituída por diversas ramificações. Entre estas as que tiveram presença marcante no Brasil foram as línguas *ewe-fon* e *iorubá*. Os falantes da *ewe-fon* passaram a ser conhecidos pelos traficantes de escravos como **jejés**, **minas**, ardras ou aladás, uidás, mahis, mundubis, savalus, anexos, pedás. Desses povos “[...] se tem notícia no Brasil já no final do século XVII, trazido, em levas numerosas e sucessivas, para o Recôncavo da Bahia, Pernambuco, Minas Gerais São Luís do Maranhão e Rio de Janeiro.” (CASTRO, 2005, p.39).

Já os falantes da língua *iorubá*, conhecidos como **nagô**, foram trazidos para a Bahia, na última fase do tráfico negreiro, direcionados para a cidade de Salvador, onde exerciam trabalhos urbanos e domésticos. A vinda dos africanos falantes da língua *iorubá* somente ocorreu no final do século XVIII, coincidindo com a destruição do reino nagô de Queto e do império ioruba de Oió, em 1830 (CASTRO, 2005), hoje parte ocidental da Nigéria. Dessa forma, pela presença marcante do povo banto no Brasil desde os princípios da colonização, Castro conclui que

por parte das línguas africanas, as do grupo banto foram as mais importantes no processo de configuração do perfil do português brasileiro, devido à superioridade numérica de seu falantes e a grandeza da dimensão alcançada pela sua distribuição no Brasil colonial. Assim sendo, na medida em que a profundidade sincrônica revela uma antiguidade diacrônica, constatamos que os aportes bantos estão associados ao regime da escravidão, aqueles chamados ‘empréstimos arcaicos’ [...] alguns já obsoletos [...] enquanto a maioria deles está completamente integrada ao sistema lingüístico do português, formando derivados portugueses a partir de uma mesma raiz banto. Em alguns casos, a palavra banto chega a substituir completamente o seu equivalente em português, sem que o locutor brasileiro, em geral, seja capaz de discernir se aquela palavra é africana, ameríndia ou portuguesa. (CASTRO, 2005, p.74)

Portanto, com base em todo o exposto a respeito da importância dos estudos toponímicos e das grandes contribuições advindas do povo africano, passa-se, na subseção seguinte, a apresentar os registros da cultura africana presentes no léxico toponímico do Recôncavo baiano, encontrados nessa pesquisa.

2.1 Exposição e análise dos dados encontrados

Os topônimos de origem africana, aqui apresentados, são as denominações das comunidades rurais, fazendas e hidrografia deste território. A escolha pela área rural deu-se por se verificar em estudos anteriores (ALMEIDA, 2012) que as comunidades rurais tendem a preservar denominações dadas ainda no período da colonização, já que não sofrem tantas influências políticas e religiosas, como ocorre na área urbana, haja vista as inúmeras sobreposições que ocorrem em nomes de ruas, praças, avenidas, sem a devida consulta à sociedade. Esquece-se o poder público, com essas atitudes, que os topônimos não são meros locativos, eles representam uma “crônica da sociedade” (DICK 1990a), pois resgatam memórias de um passado social que precisam ser conhecidas pelas gerações futuras.

O *corpus* completo faz parte da pesquisa de doutorado da autora deste artigo, intitulada “Aqui tem Murundu, Marianga, Murici, Capanema, Areal e Água Limpa: uma análise de topônimos do Recôncavo baiano”, a qual já apresenta em seu título topônimos de origem africana, indígena e europeia, como forma de reconhecimento da presença dos estratos dialetais na toponímia da região citada. Aqui, neste artigo, são apresentados os topônimos apenas de origem africana, já que se pretende destacar as contribuições dos povos africanos e seus descendentes durante o ato de nomeação desse espaço geográfico/social, o que, devido ao vínculo existente entre denominador e denominação, significa o mesmo que destacar a visão de mundo dos povos das diversas nações africanas que foram trazidos para o Brasil.

Ressalta-se, contudo, que não se pretende neste artigo aplicar aos topônimos encontrados toda a metodologia proposta por Dick (1990a), pois, além do espaço que cabe a esse gênero textual ser limitado para isso, o *corpus*

ainda está em um processo inicial de pesquisa. Dessa forma, o uso de classificações seria precipitado, pois é necessário um período maior de pesquisa para que se tenha certeza da taxa que deve ser aplicada. A partir desse entendimento, limita-se este trabalho a apresentar a influência africana na composição do sintagma toponímico, destacando o nome do município a que pertence, o acidente geográfico (humano ou físico), a natureza da sua motivação semântica (física ou antropocultural, encontrada a partir da etimologia do denominativo), a formação do termo (simples, simples com derivativo, composto e, ainda, se o termo é híbrido) e a sua etimologia.

Para o reconhecimento da etimologia, foram feitas consultas na obra de dois autores, reconhecidos na busca da contribuição africana no léxico do português brasileiro, “Falares africanos na Bahia” de Castro (2005) e o “Novo dicionário banto do Brasil” (LOPES, 2012) e, em relação aos termos híbridos, consultou-se a etimologia dos termos de origem latina no “Dicionário etimológico da língua portuguesa”, de Cunha (2012). Abaixo, os topônimos são apresentados.

Município: **Cachoeira**- Acidente Geográfico (AG): humano: comunidade

Natureza: Antropocultural Formação do termo: simples

Topônimo: *Cabiongo*

Etimologia: Variação de *capiongo*: “adj. (1) Tristonho, MACAMBÚZIO. (2) Diz-se da pessoa que tem defeito numa das vistas (BH). De origem banta mas de étimo não extamente determinado. Q.v. o suaíle ‘*kibiongo*’, pessoa curvada pela idade ou por causa de uma doença. (LOPES, 2012, p. 77)

Município: **Cachoeira**- Acidente Geográfico (AG): humano: comunidade

Natureza: Antropocultural Formação do termo: simples

Topônimo: *Capianga*

Etimologia: Variação de *capiango*, que também pode ter o mesmo significado de *capiongo*, pois Castro (2005) considera os termos como variações. Uma segunda acepção para *capiango* é “s.m. ladrão. [...] Kik./Kimb. *kampyunga*.[...] (CASTRO, 2005, p. 201)

Município: **Cachoeira**- Acidente Geográfico (AG): humano: comunidade

Natureza: Física Formação do termo: simples

Topônimo: *Murundu*

Etimologia: (banto)- s.m. montículo de terra, amontoado de coisas.[...] Kik./Kimb. (*mu*)*lundu*. (CASTRO, 2005, p.293)

Município: **Cachoeira**- Acidente Geográfico (AG): humano: fazenda

Natureza: Física Formação do termo: simples

Topônimo: Dendê

Etimologia: “(banto)- s.m. palmeira[...] ou o fruto da palmeira. Kik./Kimb/Umb. (*o*)*ndende*.” (CASTRO, 2005, p.219)

Município: **Cachoeira**- Acidente Geográfico (AG): humano: comunidade

Natureza: Antropocultural Formação do termo: composta (termo híbrido)
Topônimo: Quebra- *Bunda*
Etimologia: Quebra: “[...] sf. Ato ou efeito de quebrar [...] XV”. Quebrar do latim *crepāre*- XIII. (CUNHA, 2012, p. 537); *Bunda*: (banto)[...] nádegas, traseiro.[...]Kik./Kimb. *mbunda*. (CASTRO, 2005, p.180)

Município: **Cabaceiras do Paraguaçu**- Acidente Geográfico (AG): humano: fazenda

Natureza: Antropocultural Formação do termo: simples
Topônimo: *Calubi*
Etimologia: Variação de “*Caloji*: (banto)-s.m. cortiço, poleiro, habitação coletiva para gente pobre.[...] kik. *Kaludi*, pequeno poleiro.” (CASTRO, 2005, p.192)

Município: **Cabaceiras do Paraguaçu** - Acidente Geográfico (AG): humano: comunidade

Natureza: Antropocultural Formação do termo: composta (termo híbrido)
Topônimo: *Corumbá*
Etimologia: *Corumba*: “s. 2 gên. [...] (2) Finório, espertalhão.” (LOPES, 2012, p.96) Variação de *curumba* “(banto) –s.f./adj. Mulher velha [...] Kik./Kimb. *kulumba*.” (CASTRO, 2005, p.212; 216)

Município: **Cabaceiras do Paraguaçu**- Acidente Geográfico (AG): humano/comunidade

Natureza: Antropocultural Formação do termo: simples
Topônimo: *Mocambo*
Etimologia: “(banto) –s.m. (arcaico) esconderijo de escravos na floresta, equivalente a **quilombo** [...] Kik. *mukambu*.[...].” (CASTRO, 2005, p. 285)

Município: **Castro Alves** - Acidente Geográfico (AG): humano: fazenda

Natureza: Física Formação do termo: simples com derivação (banana + eira; termo híbrido sufixo de origem latina)

Topônimo: *Bananeira*
Etimologia: Banana: “[...] *Banana* é termo de origem africana, mas da área sudanesa.” (LOPES, 2012, p. 43). Castro não apresenta o termo banana em seu dicionário, na dúvida, buscou-se em Cunha se se tratava de um termo de origem latina, encontrando-se o seguinte : “*sf.* fruto da bananeira, planta da família das das musáceas’XVI [...] De origem africana (termo da Guiné), mas de étimo indeterminado.”(CUNHA, 2012, p.78). Para o sufixo –eira: “*suf. nom.* forma evolutiva normal do lat. –*ārius*, –*āria* [...], formados no próprio latim e que, desde as origens da língua portuguesa vem sendo de extraordinária vitalidade na formação de derivados de cunho popular.” (CUNHA, 2012, p. 236)

Município: **Castro Alves** - Acidente Geográfico (AG): humano: fazenda

Natureza: Física Formação do termo: simples

Topônimo: *Marimbondo*

Etimologia: “(banto) –s.m. vespa [...] Kik./Kimb. *(ma)di(m)bondo/ Umb. alimbondo.*” (CASTRO, 2005, p. 277)

Município: **Castro Alves** - Acidente Geográfico (AG): humano / fazenda

Natureza: Antropocultural Formação do termo: simples

Topônimo: *Mulungu*

Etimologia: “(banto) –s.m. espécie de **zingoma** (tambor usado nas cerimônias congo-angola) muito grande, comprido e estreito, de som retumbante. Kik. *(mu) ndungu.*” (CASTRO, 2005, p. 292); “s. m. Espécie de IGNOME, tambor de origem africana [...]. o étimo pode estar no nome da árvore *mulungu*, que é de origem ameríndia. Nesse caso, como em outros, o tambor teria recebido a mesma denominação da madeira de que é feito. Entretanto, vale lembrar que o vocábulo *Mulungu* designa, em várias línguas da África Oriental, o Ser Supremo, correspondente ao *Nzambi* dos ambundos e BACONGOS; e o caráter sagrado que os africanos emprestam a muitos de seus tambores pode ter determinado essa relação. [...]” (LOPES, 2012, p.183)

Município: **Conceição do Almeida** - Acidente Geográfico (AG): humano: fazenda

Natureza: Antropocultural Formação do termo: simples

Topônimo: *Bamba*

Etimologia: “(banto) –s. bastão, vara, chicote. [...] Kik./Kimb. *mbamba.*” (CASTRO, 2005, p. 166)

Município: **Conceição do Almeida** - Acidente Geográfico (AG): humano: comunidade

Natureza: Antropocultural Formação do termo: composto (termo híbrido)

Topônimo: São Francisco da Mombaça

Etimologia: São Francisco: Santo do hagiológico romano; *Mombaça*: “-s. topônimo [...] *Mambasa*, nome do porto e da localidade na costa oriental africana, hoje pertencente a Quênia.” (CASTRO, 2005, p. 288)

Município: **Maragogipe** - Acidente Geográfico (AG): humano: fazenda

Natureza: Antropocultural Formação do termo: simples

Topônimo: *Zumbi*

Etimologia: “(banto) –s.m. alma errante, fantasma que vagueia em casa altas horas da noite[...] Kik. *mvumbi.* (CASTRO, 2005, p. 375)

Município: **Dom Macedo Costa** - Acidente Geográfico (AG): humano: fazenda

Natureza: Física Formação do termo: composto (termo híbrido)

Topônimo: *Guandu Velho*

Etimologia: “*Guandu*: -s.m. topônimo. Ver **andu**.[...] fruto do anduzeiro [...] var. [...] **guandu**.[...] Kik./Kimb./Umb. *wandu, gwandu.*” (CASTRO, 2005, p.153);

Velho “*adj. sm* ‘remoto, antigo, idoso [...] XIII. Do latim *vētūlus*. [...]” (CUNHA, 2012, p. 670)

Município: **Maragogipe** - Acidente Geográfico (AG): humano: comunidade
Natureza: Física Formação do termo: simples (formado com o prefixo africano *ma-*)

Topônimo: *Marianga*

Etimologia: Variação de *mariangu*: “(banto) –s.m. Ver **curiango**.[...] –s.m. espécie de ave. [...] Kik.ki- pl. *ma-dyangu*.” (CASTRO, 2005, p.216; 277)

Município: **Maragogipe** - Acidente Geográfico (AG): humano: comunidade
Natureza: Antropocultural Formação do termo: simples

Topônimo: *Caçanje*

Etimologia: “(banto) [...] –s./adj. gen. Nome de antiga nação africana no Brasil proveniente de Angola. [...]. (PS) –s. nome de **Quissimbe** (equivalente a Iemanjá). Kik. (*Ka*)*Nsansi*, gênio protetor de crianças, nome de mulher, mulher sábia.” (CASTRO, 2005, p. 185); “s.m. [...]. Do etnônimo *kisanji*, denominação de um subgrupo dos ovimbundos. Consta que os antigos membros deste grupo étnico tinham dificuldades ou se recusavam a aprender português.” (LOPES, 2012, p. 58)

Município: **Muniz Ferreira** - Acidente Geográfico (AG): humano: fazenda
Natureza: Antropocultural Formação do termo: simples

Topônimo: *Bancolar*

Etimologia: Variação de “bangola(r): (banto) (BA) –v. executar um trabalho com muita preguiça, remanchar. [...] Kik. *bangula*/Kimb. *bangulula*/ Umb. *pangulula*.” (CASTRO, 2005, p.167)

Município: **Muniz Ferreira** - Acidente Geográfico (AG): humano: comunidade
Natureza: Antropocultural Formação do termo: simples

Topônimo: *Bangola*

Etimologia: “(banto) (PS) –s.m. esperto, gabola. Kik. *bangula*.” (CASTRO, 2005, p. 167)

Município: **Muniz Ferreira** - Acidente Geográfico (AG): humano: fazenda
Natureza: Antropocultural Formação do termo: simples

Topônimo: *Tomba*

Etimologia: “*s.f.* Planta de caule trepador, da família das cucurbitáceas, de propriedades medicinais [...]. De provável origem banta. Q.v. no quico *toma e *tomatoma, espécies de árvores de ANGOLA.” (LOPES, 2012, p. 245)

Município: **Muniz Ferreira** - Acidente Geográfico (AG): humano: comunidade e fazenda

Natureza: Antropocultural

Formação do termo: simples

Topônimo: *Xangô*

Etimologia: “(Kwa) (PS) –s. orixá dos raios e do trovão, rei-herói do povo **ioruba** [...] Yor. *šàngó*.” (CASTRO, 2005, p.351)

Município: **Muritiba** - Acidente Geográfico (AG): humano: comunidade e fazenda

Natureza: Físico

Formação do termo: simples

Topônimo: *Marimbondo*

Etimologia: “(banto) –s.m. vespa [...] Kik./Kimb.*(ma)di(m)bondo/ Umb. alimbondo*.” (CASTRO, 2005, p. 277)

Município: **Nazaré** - Acidente Geográfico (AG): humano: comunidade e fazenda

Natureza: Antropocultural

Formação do termo: simples

Topônimo: *Caboto*

Etimologia: “(banto) (PS) –s.m. Ver **quimboto**. (banto) (PS) –s.m. feiticeiro.[...] Kik./ Kimb. *kimboto*.” (CASTRO, 2005, p.184)

Município: **Santo Amaro** - Acidente Geográfico (AG): humano: comunidade

Natureza: Antropocultural

Formação do termo: simples

Topônimo: *Moringue*

Etimologia: “(banto) –s.f. Ver **moringa**: (banto) –s.f. bilha, cântaro de barro em forma de garrafa, bojudo e comprido para conter e refrescar água. [...]. Var. **moringue, muringa, muringue**. Kik./Kimb. *mudingi*.” (CASTRO, 2005, p.289)

Município: **Muritiba** - Acidente Geográfico (AG): humano: comunidade

Natureza: Antropocultural

Formação do termo: simples

Topônimo: *Urupi*

Etimologia: Variação de **Urupim**: “(banto) (LS) –s. recipiente contendo os restos das oferendas feitas às divindades. Kik. *lupin*.” (CASTRO, 2005, p. 348)

Município: **Santo Amaro** - Acidente Geográfico (AG): humano: comunidade

Natureza: Antropocultural

Formação do termo: composto (termo híbrido)

Topônimo: Tanque da *Senzala*

Etimologia: Tanque: “*sm.* ‘reservatório de água ou de qualquer outro líquido’ XV. De origem obscura [...]” (CUNHA, 2012, p. 622); *Senzala*: “(banto) –s.f. alojamentos que eram destinados aos escravos no Brasil.[...] Kik. *senzala/ Kimb. sanzala*.” (CASTRO, 2005, p. 336)

Município: **Santo Antônio de Jesus** - Acidente Geográfico (AG): humano: comunidade

Natureza: Antropocultural

Formação do termo: simples

Topônimo: *Cacimba*

Etimologia: “(banto) –s.f. poço de água potável; fonte, vasilha. [...] Kik. /Kimb. *kisima, kisimbu*. (p. 186).e eram destinados aos escravos no Brasil.[...] Kik. *senzala/ Kimb. sanzala*.” (CASTRO, 2005, p. 336)

Topônimo: *Quicé*

Etimologia: (banto) –s.f. faca pequena e velha, geralmente partida ou sem ponta. [...] Kik. / Kimb. *kisele, kiselenge*. (CASTRO, 2005, p. 323)

Município: **Sapeçu** - Acidente Geográfico (AG): humano: comunidade e fazenda

Natureza: Antropocultural

Formação do termo: simples

Topônimo: *Quiamba*

Etimologia: Variação de **quiambo**: “(banto) (LS) –s.m. curandeiro [...] Kik. *kiwamba*”. (CASTRO, 2005, p. 321)

Município: **Sapeçu** - Acidente Geográfico (AG): humano: comunidade e fazenda

Natureza: Antropocultural

Formação do termo: simples

Topônimo: *Orobó*

Etimologia: Variação de “**orobô**: (kwa) (PS) –s.m. noz-de-cola, fruto africano [...] usados nos sacrifícios religiosos [...] comida predileta de Xangô. [...] Yor. *orógbó*.” (CASTRO, 2005, p. 309)

Município: **Varzedo** - Acidente Geográfico (AG): humano: comunidade e fazenda

Natureza: Antropocultural

Formação do termo: composto (termo híbrido)

Topônimo: São Roque dos Macacos

Topônimo: São Roque dos Macacos

Etimologia: São Roque: Santo do hagiológico romano; Macaco: “(banto) –s. símio; adj. Esperto, finório, feio [...]. Kik. *makaaku*, pl. de *kaaku*, espécie de macaco vermelho e cinza [...] *makaaka(ta)*, chimpanzé.” (CASTRO, 2005, p.267)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível observar, após a análise etimológica dos topônimos, tornou-se possível resgatar o conteúdo semântico dos mesmos, mostrando que a maioria dos topônimos corresponde a relações sociais que revelam aspectos da cultura material e imaterial africana, esta vinculada a elementos da religião africana, conhecida na Bahia como Candomblé, como é possível constatar nos topônimos **Mulungu**, **Xangô**, **Caboto**, **Urupi**, **Quiamba** e **Orobó**. Este último mesmo possuindo uma motivação semântica física, por se tratar do nome de um fruto, foi considerado de motivação antropocultural, pois está relacionado a aspectos míticos, já que Castro (2005) afirma ser uma das comidas prediletas de Xangô.

Ainda nos topônimos de motivação antropocultural, constata-se as denominações de formação híbrida, destacando-se, entre eles, **São Francisco da Mombaça**, **Xangô São Francisco**, **São Roque dos Macacos**, os quais revelam a junção dos nomes dos santos da religião católica com elementos que retratam a

visão de mundo dos africanos. Além desses, pode-se citar **Bananeira, Quebra-Bunda, Guandu Velho, e Caçulinha**, já tão cristalizados no discurso do povo brasileiro que não se percebe a origem africana.

Além dos topônimos citados anteriormente, foram encontrados topônimos de origem latina que resgatam a influência cultural do homem africano na formação do português brasileiro, como é o caso do topônimo **Incruzo** (Governador Mangabeira), que é uma variação linguística de “encruzo”, derivado do verbo encruzar e, como Castro (2005) revela, esse é um termo de formação brasileira vinculado à língua de santo, “Encruza: (FB) (LS) – s. ritual em que o chefe do **terre(i)ro**, antes do início das sessões de **umbanda**, traça cruzeiros nas mãos, na testa e na nuca dos médiuns.” (CASTRO, 2005, p. 228; 229)

Ainda foram verificados topônimos como **Lagoa João Congo** (Castro Alves) e **Baixa do Conguê** (São Felipe) que fazem referência à nação Congo, de onde veio a maioria dos escravos de origem banto, no primeiro período de colonização. Além destes, os topônimos **Tanque da Senzala** (este já citado) e **Ponta do Cativo** (Santo Amaro) remontam o período da escravidão, destacando a condição de cativo dos homens negros e mencionando o lugar que lhes cabia na casa grande.

Diante o exposto, fica nítida a importância da Toponímia para a Linguística, uma vez que os estudos toponímicos procuram resgatar não somente a parte descritiva e formal da língua, mas, também, os valores culturais que nela estão incutidos, revelando as relações sociais estabelecidas no espaço geográfico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lana Cristina Santana. **O léxico toponímico das comunidades rurais de Santo Antônio de Jesus**: uma análise semântica e sociocultural. Salvador, 2012. 187f. Dissertação. (Mestrado em Língua e Cultura) Universidade Federal da Bahia- BA. Obra não publicada.

BARICKMAN, B.J. **Um contraponto baiano**: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780-1860. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística**: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia**: um vocabulário afro-brasileiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks Editora; Academia Brasileira de Letras, 2005.

CUNHA, Antonio Geraldo da; MELLO SOBRINHO, Cláudio. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

DICK, Maria Vicentina de Paula Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado de SP, 1990a.

_____. **Toponímia e antroponímia no Brasil**. Coletânea de estudos. 2. ed. São Paulo: [s.n],1990b.

_____. **A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo 1554-1897**. São Paulo: ANNABLUME, 1996.

_____. Métodos e questões terminológicas na Onomástica. Estudo de caso: o Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. **Investigações linguísticas e teoria literária**. Recife: UFPE, v. 9, p.119-148, 1999.

LOPES, Nei. **Novo dicionário do Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

PINKER, Steven. **Do que é feito o pensamento**: a língua como janela para a natureza humana. Tradução de Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SANTANA, Clissio Santos. Nas terras da liberdade: a pequena propriedade de terra no Recôncavo baiano (1850-1890). **Revista Recôncavos**. Seção Anais do IV Seminário Estudantil do CAHL. Ano 4, n. 1, 2010. Disponível em: <http://www2.ufrb.edu.br/reconcavos/index.php/quarto-seminario-estudantil-de-pesquisas-cahl>. Acesso em: 10 maio 2015.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. **Referência e onomástica**, 2008. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_442.pdf>. Acesso em: 14 set. 2009.